



TRADIÇÃO

“Tente mudar o nome da Esalq”

● Marly Therezinha Germano Perecin é enfática, mais uma vez, ao discorrer sobre os nomes de patrimônios e outros espaços, públicos ou não, que caem no agrado das pessoas, numa paixão

confessável e avassaladora, a exemplo do que acontece com o Engenho Central.

“São nomenclaturas que penetram na linguagem popular”, lembra. “Os modos de dizer são disseminados para, depois, se fixarem”, salienta.

A historiadora tece um comparativo com a tradicional Escola Agrícola. “Tente chamá-la de faculdade de Agronomia da USP. Não surte qualquer efeito. O mesmo ocorre com o Engenho.

São nomes que ‘povoam’ o imaginário popular para sempre”,

argumenta. Há outros exemplos, citados pela professora Marly, igualmente curiosos.

“Durante cerca de 52 anos, Piracicaba passou a ser chamada de Constituição. Até que Prudente de Moraes propôs uma lei que reincorporou Piracicaba como nome da cidade”, ressalta. A atual Campinas era São Carlos, no passado. “Na época, era estranho ouvir: vou a São Carlos, numa referência a Campinas, e pretendo visitar Constituição. Os nomes simplesmente não convenceram”, observa.